

Presidente discursa como candidato no interior de Goiás

Mauro Zanatta*
de Acreúna

Tapinhas nas costas, abraços apertados, sorrisos abertos e muitos discursos. Assim o presidente Fernando Henrique Cardoso passou ontem, na cidade goiana de Acreúna, um dia de candidato. Animadíssimo, depois de uma importante vitória na votação da reforma da Previdência, na Câmara, o presidente tirou o paletó, ficou em mangas de camisa e entrou no clima de uma megafesta preparada para sua visita à cidade de 35 mil habitantes, encravada no meio de 182 mil hectares de algodão, a 380 quilômetros de Brasília, no rincão Sudoeste de Goiás.

Nada abalou o seu bom humor. Nem mesmo a divulgação de um documento cobrando o empenho do presidente em securitizar as dívidas com o custeio de 192 produtores de algodão da região e o alongamento dos empréstimos bancários para 20 anos, além de uma linha especial de crédito para pagar os fornecedores de insumos agrícolas por três anos.

"Nossas dívidas são de curtíssimo prazo. Precisamos de um sinal do governo para salvar parte de nossa plantação e saldar nossos compromissos", reclamou Antônio Ribeiro Borges, presidente da subcomissão de algodão da Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg). Os cotonicultores alegam que o custo financeiro do alqueirão (4,84 hectares) saltou de R\$ 500 para R\$ 1 mil. A produção caiu de 1.100 arrobas por hectare para apenas 350 arrobas. A região vive a expectativa de 40% de quebra nas lavouras por conta da ação de um pulgão e um fungo resistente a inseticidas.

Os agricultores também pediram ao presidente a suspensão da importação de algodão da Argentina e incentivos à exportação do produto nacional. "Eu sei das dificuldades do algodão, mas não é fácil porque

depende de muitos fatores. Às vezes choramos quando o preço não acompanha o esforço do trabalho. Mas o governo está aqui é para sustentar os preços", prometeu Fernando Henrique, ao lado do ministro Francisco Turra, da Agricultura, e do goiano Ovídio De Ângelis, secretário de Políticas Regionais. Uma hora depois, longe da fazenda Canadá, onde pilotou uma colheitadeira de algodão que substitui o trabalho de 200 pessoas e recebeu o título de cidadão honorário da cidade, Fernando Henrique assistiu aos 50 minutos de festejos do aniversário de 22 anos de Acreúna.

Na sua vez de falar, FHC aproveitou para criticar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). "O governo só não faz mais para que cada brasileiro possa ter um pedaço de terra porque não pode. Isso desde que ele trabalhe e não use a terra como instrumento para atormentar os outros", disse.

"No Brasil, ninguém vai passar fome enquanto houver povo com solidariedade, governo com decência e gente organizada para trabalhar e repelindo com força os saques. Isso não é forma de ajudar ninguém. Isso é forma de fazer autopropaganda", afirmou. FHC mandou ainda um recado aos seus aliados no Congresso. "Tenho que agradecer o esforço que os deputados goianos têm feito, que dão votos no Congresso independentemente de seus interesses políticos regionais", prosseguiu. Ele arrematou o discurso dizendo-se goiano: "Quanto mais perto do povo se está, mais energia se sente. Aqui, me sinto ao lado do povo goiano e assumo Goiás como meu Estado porque o sangue goiano corre nas minhas veias e o Estado nunca me faltou", disse. Cerca de 10 mil pessoas lotavam a praça do estádio municipal de Acreúna em pleno sol do meio-dia.

*enviado especial, da *Gazeta Mercantil Distrito Federal*

"Às vezes choramos quando o preço não acompanha o trabalho. Mas o governo está aqui para sustentar os preços", disse FHC